

INÊS DE CASTRO POR GARCIA DE RESENDE

Geraldo Augusto Fernandes

A tragédia de Inês de Castro aparece em vários textos desde o desfecho de sua história, ou seja, seu assassinato. Fernão Lopes (c.1378/1390 - 1460) relata a história de Inês e Dom Pedro I na *Crônica* que tem por título o nome do monarca. Essa história torna-se objeto de um dos mais belos poemas do *Cancioneiro Geral* (1516) de Garcia de Resende, compilador dos 880 poemas do compêndio e autor do poema laudatório àquela que se tornara mito por seu trágico desaparecimento e amor. Acompanhando os preceitos da Retórica clássica em voga então, Resende divide seu poema em *exordium*, *narratio* e *peroratio*, três das seis partes que Cícero expõe em seu *De Inventione*, réplica das partes expostas por Aristóteles em sua *Retórica*. Garcia de Resende, na primeira estrofe, dirige-se às damas e pede-lhes que ouçam o que “esta dama” ganhou como “galardam do amor”. Em seguida, aparece Inês de Castro que fala e inicia sua narração, contando sua desventura, em 21 estrofes. Na narração, Castro inicia seu penar e já dá conta aos leitores/ouvintes de seu triste fim:

- Qual seraa o coraçam
tam cru e sem piadade,
que lhe nam cause paixam
ũa tam gram crueldade
e morte tam sem rezam?
Triste de mim, inocente,
que por ter muito fervente
lealdade, fee, amor
ò Princepe, meu senhor,
me mataram cruamente!
A minha desaventura,
nam contente d'acabar-me,
por me dar maior tristura
me foi pôr em tant'altura

FERNANDES, Geraldo Augusto. Inês de Castro por Garcia de Resende. *Cultura e Representação*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

para d'alto derribar-me.

Que, se me matara alguém

antes de ter tanto bem,

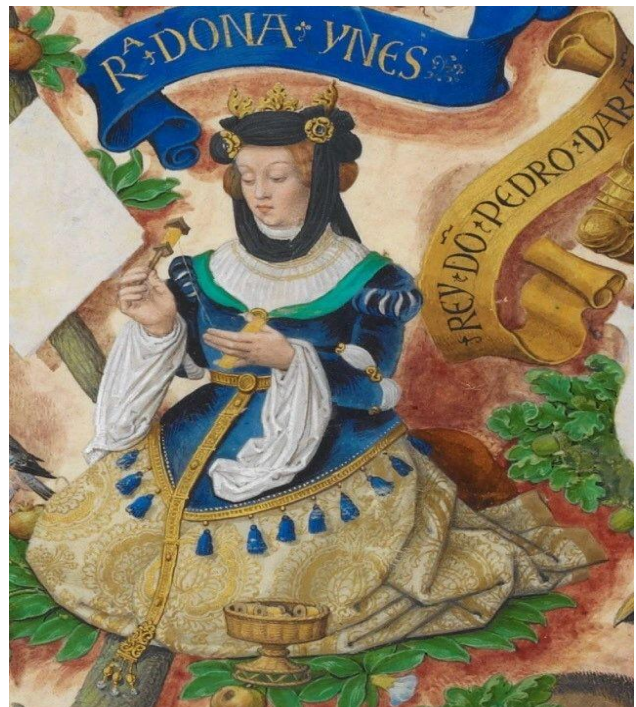
em tais chamas nam ardera,

pai, filhos nam conhecera

nem me chorara ninguém.

“Eu era moça, menina”, é assim que Inês de Castro inicia seu relato, acrescentando que não teria ideia do que seria a paixão: “Vivia sem me lembrar / que paixão podia dar / nem dá-la ninguém a mim.” Foi quando seus olhos cruzaram com os do príncipe D. Pedro. Em sua exposição, Castro diz repetidamente que quem a cortejou foi o Príncipe, mas que ela correspondeu. Vivendo bem às margens do Mondego, correspondida pelo amor de Pedro, Inês vê assomar alguns cavaleiros, o que a deixa abalada. “- Estes homeens donde iram?” – descobre que era El-Rei D. Afonso, pai de seu amante. Desconsolada, Inês o recebe e o inquire: - Havei, Senhor, / desta triste piadade!”, antevendo a tragédia que se aproximava. Pede ao rei que considere sua condição de mulher, e cerca-se de seus filhos para que o avô abandone sua intenção de matá-la. Usa os filhos como escudo mas também para que o rei sentisse o tamanho da desumanidade que estava para fazer. Suas súplicas contundentes, “Usai mais de piadade / que de rigor nem vontade, havei doo, Senhor, de mim, nam me deis tam triste fim, / pois que nunca fiz maldade.” provocam efeito no Rei que por alguns momentos tem vontade de voltar atrás em sua empreitada, mas seus conselheiros o reprimem: - Senhor, vossa piadade / é dina de reprimir, / pois que sem necessidade / mudaram vossa vontade / lagrimas d'ũa molher!” A reprimenda segue por várias estrofes, até que D. Afonso se desincumbe da culpa e ordena aos conselheiros que façam o que eles tinham por intenção. Dois cavaleiros, então, empunham suas espadas, atravessam-nas no peito de Inês que, por fim, diz: “Este é o gualardam / que meus amores me deram!”

Garcia de Resende, dirigindo-se às damas que o ouviam, conclui sua exposição em seis outras estrofes. É então que o elogio empregado como artifício retórico se manifesta. Também essas últimas estrofes são narrativas e Resende termina seu poema contando o que aconteceu depois da morte de Inês de Castro, aquela que por amor recebeu um “gualardam” e por isso “nam deixe ninguém d'amar!”



Dona Inês de Castro. Pintura de António de Holanda (1530-34)

FERNANDES, Geraldo Augusto. Inês de Castro por Garcia de Resende. *Cultura e Representação*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

O registro histórico coaduna-se ao que relatou Fernão Lopes em sua *Crônica D'el Rei Dom Pedro I* – numa o registro histórico, noutro o registro poético-literário. O objetivo final de Garcia de Resende, registre-se, é o louvor ao amor:

Senhoras, nam hajais medo,

nam receeis fazer bem,

tende o coraçam mui quedo

e vossas mercês veram, cedo

quam grandes beens do bem vem.

Nam torvem vosso sentido

as cousas qu'haveis ouvido,

porqu'ee lei de deos d'amor:

bem, vertude nem primor

nunca jamais ser perdido.

Resende poetisa um amor trágico, pois dele deriva a morte de Inês, aquela que teve um fim cruel, mas que se tornou rainha depois de morta.

Para saber mais

CANCIONEIRO Geral de Garcia de Resende. Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias. Maia: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998. Volumes I a IV

LOPES, Fernão. *Crônicas*. Rio de Janeiro: Nossos Clássico – AGIR, 1968.

MORAN CABANAS, Maria Isabel. *Festa, teatralidade e escrita*. Esboços teatrais no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. A Coruña: Biblioteca-Arquivo Teatral Francisco Pillado Mayor, 2003.

FERNANDES, Geraldo Augusto. Inês de Castro por Garcia de Resende. *Cultura e Representação*.
In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em:
<https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>